



## DINÂMICAS DE ACOLHIMENTO NA VENEZA DE THOMAS MANN\*

### HOSPITALITY DYNAMICS IN THOMAS MANN'S VENICE

Ronaldo Leites Diaz<sup>1</sup>  
Luciane Todeschini Ferreira<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa a representação de Veneza como um destino turístico acolhedor na obra *A morte em Veneza* de Thomas Mann, usando o conceito do Corpo Coletivo Acolhedor (CCA). O CCA considera três elementos interligados: serviços, gestão e capital cultural. O estudo utiliza abordagens hermenêuticas e enunciativas bakhtinianas como metodologia. Através da jornada do personagem *Gustav Von Aschenbach*, Veneza é retratada como uma cidade preparada para receber turistas, mantendo a interconexão do CCA. Oferecendo diversos serviços, uma gestão eficiente e uma cultura acolhedora, inserindo-se em dinâmicas hospitaleiras.

**Palavras-chave:** Acolhimento. Corpo Coletivo Acolhedor. *A morte em Veneza*.

**Abstract:** This article examines the portrayal of Venice as a welcoming tourist destination in Thomas Mann's *A morte em Veneza*, using the concept of the Welcoming Collective Body (WCB). The WCB comprises three interconnected elements: services, management, and cultural capital. The study employs hermeneutic and Bakhtinian enunciative approaches as its methodology. Through the journey of the character *Gustav Von Aschenbach*, Venice is depicted as a city well-prepared to receive tourists, maintaining the interconnection of the WCB. It offers a variety of services, efficient management, and a hospitable culture, fitting into hospitable dynamics.

**Keywords:** Hospitality. Welcoming Collective Body. *A morte em Veneza*.

---

<sup>1</sup> Doutorando do programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade da UCS – Universidade de Caxias do Sul. Graduado em Letras pela UCS. Graduado em gastronomia pela UCS. E-mail: [rdiaz@ucs.br](mailto:rdiaz@ucs.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5141-2505>.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: [ltferrei@ucs.br](mailto:ltferrei@ucs.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2190-2305>.

\* Artigo recebido em 05 de setembro. Aceito para publicação em 15 de dezembro de 2023.

## Introdução

Muito se aponta para a importância da atividade turística para o desenvolvimento regional. Enquanto algumas cidades e regiões ainda buscam promover seus destinos, outras já os têm consolidados, inclusive participando de um imaginário coletivo: Paris, Rio de Janeiro e Veneza fazem parte desse último grupo.

Pelo *ethos* construído, Veneza é reconhecida como uma cidade romântica, cheia de charme e histórias, com muito a dizer àqueles que a visitam, quer seja por sua arquitetura, suas histórias ou suas belezas naturais. Nominada, “*La Serenissima*”, “Cidade das Máscaras”, “Cidade dos Canais” e “Rainha do Adriático”. Ainda hoje recebe milhões de turistas. Conforme dados do site “DadosMundiais.com”, Veneza ocupou, em 2021, o 27º lugar de preferência mundial como destino.

A preferência por destinos menos turísticos gera movimentos de preservação, como em Veneza, onde medidas como a introdução de taxas de entrada visam evitar o *overtourism*, refletindo a necessidade de equilibrar os desejos dos moradores locais e dos visitantes temporários (RODRIGUES, 2023, s/p).

Em 1987, foi declarada Patrimônio Mundial da Humanidade pela Unesco que agora recomenda incluir a cidade na lista dos patrimônios em risco, conforme notícias do Portal UOL de 31 de julho de 2023. (UOL, 2023): “Os efeitos da deterioração contínua devido à intervenção humana, incluindo o desenvolvimento contínuo, [...] e o turismo em massa correm o risco de causar mudanças irreversíveis no valor universal do bem, observa o Centro do Patrimônio Mundial”.

Considerando a imagem projetada de Veneza, o presente artigo busca identificar dinâmicas de acolhimento entre Veneza (representada na obra literária de Thomas Mann – “A morte em Veneza”) e o turista *Gustav Von Aschenbach*, pelas lentes teóricas do construto Corpo Coletivo Acolhedor.

## A obra literária *A morte em Veneza*

A obra “A Morte em Veneza” narra a crise de meia-idade e o bloqueio criativo pelo qual passa o prestigiado escritor alemão *Gustav von Aschenbach*, o que o leva a uma crise existencial. Movido por um impulso, decide viajar para encontrar descanso e se reencontrar consigo e com o desejo de escrever. Parte para a cidade de Veneza, hospedando-se em um hotel no Lido, ilha situada na entrada da laguna, ao norte. Nessa sua estadia, encanta-se por um jovem polonês, *Tadzio*, de apenas 14 anos, que passa o verão com a família (mãe, governanta e suas irmãs). “Além da beleza, o que chama atenção de Gustav é o ar de liberdade emanado por *Tadzio*, que se destaca no meio de suas irmãs que assumem uma postura mais séria e contida, comportamento esperado das mulheres na época” (SALVÁ; DIEDRICH, 2020).

O enredo de *A morte em Veneza* consta de uma série de eventos que revelam a busca de *Gustav* por algo que possa preencher sua vida e lhe dar um sentido. Em plano de fundo, a narrativa também apresenta a epidemia de cólera. Na cena final, *Gustav von Aschenbach*, mesmo sabendo das condições em que se encontra a cidade, escolhe ficar indo contra a lógica da razão e se deixando guiar por suas emoções, pois pretende avisar *Tadzio* e seus familiares sobre a cólera. Não consegue atingir seu intento, pois morre antes.

Em relação à produção da obra *A morte em Veneza*, as autoras Oliveira e Oliveira (2019) afirmam que Mann a publicou após uma viagem realizada em 1911 à cidade. Durante essa viagem, Mann encontrou *Wladyslaw Moes*, um jovem de aproximadamente 11 anos, também conhecido por *Adzio*. Bastante impressionado com a beleza do rapaz, ao retornar à Alemanha, inicia a escrita da obra. Tal afirmação encontra respaldo nos diários do próprio escritor. Segundo Euler de França Belém (2013), há, no diário de Mann, uma confissão dizendo que “[...] nada é inventado nesta história: *Tadzio* e família, o cantor malandro e repugnante, o sátiro maquiado do barco e até mesmo a cólera que nos obrigou a deixar a cidade”.

### Como a obra literária reflete as dinâmicas de acolhimento através do CCA?

O questionamento acima feito é pertinente, pois o estudo de obras literárias pode se constituir em fonte de pesquisa, ao contar sobre um tempo e modos de ser e viver de uma sociedade, já que, como aponta Ferreira (2009, p. 67), “[...] toda a ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos”. O autor defende, portanto, que a literatura é uma fonte histórica por fazer parte do que a sociedade produz. Assim como as obras de arte, a arquitetura, os jornais, as redes sociais, as produções acadêmicas e os movimentos sociais, ou seja, tudo o que a sociedade produz individual ou coletivamente, a literatura diz respeito a um momento da história (FERREIRA, 2009).

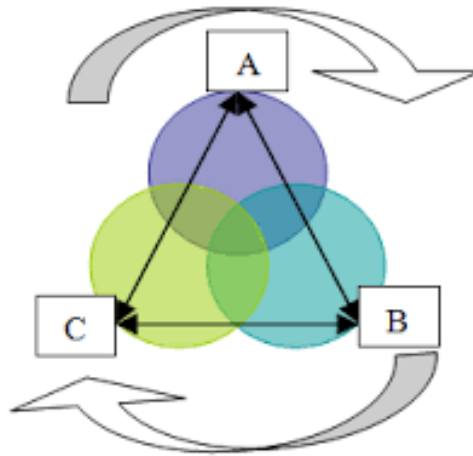
Ao trazer a perspectiva de uma ciência social baseada em textos, Flick (2009, p. 86) busca na literatura o conceito de mimese: “A mimese refere-se à transformação de mundos em mundos simbólicos. Para Aristóteles, a mimese refere-se a uma maneira de conhecer, sendo a literatura uma forma prazerosa de conhecer, ressaltando-se, entretanto, que a linguagem não é considerada cópia fidedigna da realidade. Fato é que a literatura como mimese é um conceito fundamental na teoria literária, referindo-se à imitação ou representação da realidade na arte (CARVALHO, 2019).

Transpondo o conceito de mimese para a pesquisa de caráter qualitativo, Flick (2009, p. 86) trata-a como um “[...] princípio geral com o qual se traça, em detalhes, a compreensão do mundo e dos textos”. Nesse sentido, os elementos miméticos podem ser identificados na transformação de experiências em narrativas e relatos e na construção e interpretação de textos.

Buscando aprofundar reflexões sobre a mimese na pesquisa qualitativa, Flick (2009) faz referências a Ricoeur, que distingue três formas de mimese em uma ciência social baseada em textos. A primeira é “[...] como compreensão prévia do que seja a ação humana, de sua semântica, seu simbolismo, sua temporalidade. A partir dessa compreensão prévia [...] surge a ficção, e com ela, vem a segunda forma de mimese, que é textual e literária” (RICOEUR, 1981 *apud* FLICK, 2009, p. 87). Já a segunda ocorre “[...] entre a antecedência e a descendência do texto. Nesse nível, a mimese pode ser definida como a configuração da ação” (RICOEUR, 1981 *apud* FLICK, 2009, p. 87). E terceira, por sua vez, diz respeito à transformação mimética de textos em compreensão, o que acontece por meio do processo de interpretação, Embora Flick (2009) busque apresentar o processo mimético em pesquisa social, desconectando-a do conceito de apresentação e de representação literária, é em associação a esta última forma que trazemos a mimese como perspectiva de abordagem do objeto “A morte em Veneza”.

### **Apresentação do modelo Corpo Coletivo Acolhedor**

O Corpo Coletivo Acolhedor é um modelo teórico-metodológico que permite a compreensão do fenômeno de acolhimento de grupos, comunidades ou cidades, ou seja, dá forma às comunidades. Proposto por Perazzolo, Santos e Pereira (2014), o modelo do CCA se sustenta sobre três pilares fundamentais: a) os serviços que permeiam diversos setores, como alimentação, vestuário, comércio, saúde, que metaforicamente correspondem às mãos desse Corpo; b) a gestão, que atua como a cabeça responsável pela administração dos recursos e infraestrutura social; e c) o capital cultural, o coração pulsante que abraça os valores e saberes compartilhados na sociedade, bem como processos de transmissão. Esta tríade de elementos forma a base do CCA, que, metaforicamente, pode ser concebido como um organismo vivo, capaz de adaptação e transformação. Ou seja, é a “interdependência dos três vetores que assegura a constituição morfológica da soma social que, se acolhedor, transforma-se na relação com o visitante, o estrangeiro, o turista e o outro.” (PERAZZOLO; SANTOS E PEREIRA, 2014, p. 60). Figurativamente, o CCA é assim representado:

**Figura 1:** Interação dos vértices constitutivos do Corpo Coletivo Acolhedor

Fonte: Perazzolo; Santos e Pereira, 2014, p. 55.

O Corpo Coletivo Acolhedor é um espaço vital compartilhado pela comunidade, que recebe tanto visitantes quanto residentes através de ações e discursos que refletem valores culturais locais, abrangendo diversos aspectos como produtos, praças, arquitetura, serviços de saúde, escolas e organizações. Essa construção dinâmica é moldada pelo diálogo e colaboração entre os membros da comunidade e visitantes, promovendo um ambiente acolhedor e integrado que valoriza a diversidade cultural, fomenta a troca de conhecimento e fortalece os laços sociais.

De acordo com Santos e Perazzolo (2012), a interação dos vértices constitutivos do Corpo Coletivo Acolhedor demonstra que a constituição morfológica do organismo social é mantida pela interdependência dos três vetores. Essa estrutura social hospitaleira se modifica com a interação do visitante, do estrangeiro, do turista ou de qualquer pessoa que chegue em busca de novas experiências e conexões. Por sua vez, o visitante comunica-se com a comunidade por meio das várias vozes que surgem dos três vértices constitutivos: serviços, gestão e conhecimento/cultura. Esse intercâmbio entre os membros da comunidade e seus visitantes, que é crucial para a construção de um espaço acolhedor e integrado, constitui um processo dinâmico e em contínua evolução.

### Percurso metodológico

Para o estudo de Veneza, perspectivada pelo modelo teórico do Corpo Coletivo Acolhedor, considera-se a própria apresentação do modelo e de seus vértices como estruturas passíveis de análise à luz dos elementos identificados nas dinâmicas expressas pela cidade de Veneza para receber *Gustav Von Aschenbach*, personagem da história, um igualmente turista, que está em busca de si e que encontrará, na

cidade, acolhimento para algumas de suas demandas, mas que também identifica alguns momentos mais tensionados, em que suas demandas não são atendidas.

Assim considerado, inicialmente procedeu-se à leitura flutuante/inspecional da obra, para que se tivesse uma visão do enredo e já se organizasse, ainda que de forma geral, o quadro do CCA. Em seguida, procedeu-se a leituras analíticas, em que houve seleção de passagens do texto que se relacionassem, de maneira mais direta e explícita, aos vértices do CCA: serviços, gestão e cultura/conhecimento. Ou seja, buscou-se fragmentos que expressassem como as interações e experiências do protagonista refletem os elementos do CCA, revelando a própria cidade.

De caráter qualitativo, metodologicamente fez-se uma coleta de material empírico, no caso, de fragmentos literários, que descreviam momentos significativos da vivência de *Gustav von Aschenbach* na cidade de Veneza. Nessa perspectiva, para além do próprio construto teórico-metodológico proposto pelo CCA, reforça-se que o estudo apresentado igualmente apoia-se em uma análise discursiva da obra “A morte em Veneza, posto que “[...] a leitura e a compressão de textos tornam-se um processo ativo de produção de realidade que envolve não apenas o autor dos textos (no nosso caso de ciência social), mas também a pessoa a quem eles são escritos e que os lê” (FLICK, 2009, p. 87).

Nessa perspectiva, a fundamentação teórica desta investigação se pauta na análise fenomenológica hermenêutica, associada às abordagens enunciativas bakhtinianas. Em linhas gerais, a hermenêutica apresenta-se como um procedimento metodológico e filosófico que “[...] pressupõe a percepção de um objeto por parte de outro sujeito detentor de uma língua e, por conseguinte, de uma cultura que pode ser notada nas construções linguísticas, sociais, políticas, científicas, econômicas, religiosas, entre outras” (COSTA; CAMARGO, 2017, p. 27). O desafio do método hermenêutico consiste, portanto, em “[...] tentar compreender, fora do seu tempo, símbolos, gestos, palavras, ou seja, outra realidade” (COSTA; CAMARGO, 2017, p. 29).

No que concerne à análise interpretativa, é preciso considerar que a obra literária concede ao leitor modos de interpretação da realidade social, ao mesmo tempo que permite a análise da vida dos protagonistas, o que possibilita a transformação da visão do leitor sobre si mesmo e sobre o mundo ao seu redor. Nesse sentido, esta pesquisa parte da premissa de que a obra literária pode ser considerada fonte documental, motivo pelo qual, para a análise, seleciona-se a abordagem sociológica bakhtiniana, em que os enunciados são examinados dentro dos seus contextos de produção:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu

estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros dos discursos (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Considerados esses aspectos, e apresentadas as perspectivas e os passos metodológicos adotados para seleção e análise de fragmentos, na seção que segue, apresentam-se a análise de Veneza considerada Corpo Coletivo Acolhedor.

### **Acolhimento entre Veneza e *Gustav Van Aschenbach*: algumas teias**

Apresentada anteriormente na parte introdutória, Veneza habita o imaginário de inúmeras pessoas – algumas que, na condição de turistas, poderão conhecê-la, enquanto que outras a conhecerão por meio de filmes, imagens, documentários, enfim, por meio de representações, no *ethos* prévio construído. Tanto que na obra, Veneza é apresentada como um destino icônico: “Essa Veneza! Que cidade magnífica! Uma cidade de atração irresistível para qualquer pessoa culta, não só pela sua história como também pelos seus encantos atuais” (MANN, 2015, p. 25). É assim que o atendente do navio descreve o destino de *Aschenbach*. E é assim que o próprio Gustav a percebe. Essas representações dialogam com o vértice da cultura do CCA, pois dizem sobre o modo de ser da própria cidade. E é essa visão, ainda do barco, que o personagem constrói do lugar, ao chegar de barco:

[...] o embarcadouro mais espantoso de todos, aquela deslumbrante combinação de edifícios fantásticos que a República oferecia aos reverentes olhares dos navegantes que se acercavam: a graciosa magnificência do palácio e a Ponte dos Suspiros, as colunas do leão e do santo à beira da água, o flanco pomposo, saliente, do lendário templo, a vista sobre a portada e o gigantesco relógio. Ao contemplar tudo isso, *Aschenbach* ponderou que chegar a Veneza por via terrestre, na estação ferroviária, era como que entrar num castelo pela porta dos fundos, e que essa cidade, a mais inverossímil do mundo, somente devia ser alcançada assim como ele o fazia dessa vez: de navio, vindo do alto-mar (MANN, 2015, p. 29).

Assim, na condição de destino turístico escolhido pela personagem, a cidade de Veneza é apresentada como um local de beleza singular, com paisagens e monumentos históricos que atraem visitantes de todo o mundo. Porém, via narrativa, o leitor tem acesso também à forma como Gustav se relaciona com a cidade,

considerando que essa visão é influenciada pelas próprias perspectivas e emoções dele. A Veneza que é descrita e vivida é a Veneza de Gustav, mesmo que, pela narrativa, o leitor possa concebê-la a partir do construto teórico do Corpo Coletivo Acolhedor (CCA).

Veneza, tanto para os moradores quanto para os turistas, pode ser vista de várias maneiras, com diferentes experiências deixando marcas profundas na percepção da cidade. Enquanto é conhecida por sua complexidade arquitetônica e cultura vibrante, as experiências turísticas e as memórias que criam também influenciam significativamente a maneira como Veneza é percebida. *Gustav*, o protagonista, está constantemente reconstruindo sua própria visão de Veneza à medida que explora a cidade e lida com suas experiências.

Conforme Santos, Perazzolo e Pereira (2014, p. 49), “[...] as experiências são processos que traçam as marcas da memória; que fazem convergir a formação das representações para a culminância afetiva geradora das sínteses mentais de prazer ou desprazer” – e essas experiências marcadas conectam turistas com as cidades que eles visitam.

Em *A morte em Veneza*, Veneza é retratada como hospitaleira e ansiosa para receber turistas, mas ao longo da interação entre *Gustav von Aschenbach* e a cidade, também se revelam momentos de hostilidade e desrespeito ao visitante, apesar da oferta voluntária de acolhimento. A cidade acolhe um protagonista em conflito, situado em um mundo pré-guerra marcado pela desintegração, incluindo a própria Veneza, que enfrenta uma endemia de Cólera.

De acordo com anotações do autor alemão, que estão no Arquivo Thomas Mann de Zurique, “há um recorte do jornal *Münchener Neuesten Nachrichten* de 05 de setembro de 1911 sobre a epidemia, em Palermo que tinha 350.000 habitantes: 772 casos, 393 fatais (junho); 1132 casos, 307 fatais (julho) e 531 casos, 95 fatais (agosto)” (ROCHA apud BAHR, 1991, p. 109). A Veneza de 1911/1941 se apresenta como um Corpo Coletivo Acolhedor, acolhendo os visitantes com sua cultura e imagem romântica, vista como um lugar de paz inabalável com paisagens naturais e arquitetônicas cativantes que atraem e acolhem os turistas.

Mas a calma peculiar da cidade aquática parecia acolher suavemente todo aquele vozeiro, tirando seu volume e dispersando-o pelas águas. Fazia calor no porto. Sob o morno contato do siroco, o turista refestelado nos coxins sentia-se embalado pelo elemento líquido. Cerrando os olhos, saboreava essa lassidão tão doce quanto inusitada (MANN, 2015, p. 30).

*Gustav von Aschenbach* se sente acolhido por Veneza devido à sua interação com a natureza e a beleza do local, que tranquilizam suas inquietações interiores. Essa relação com a natureza é um elemento essencial na experiência



turística, proporcionando bem-estar e conforto emocional, destacado no contexto cultural. Em Veneza, práticas de acolhimento são observadas para atender as demandas dos turistas, incluindo serviços turísticos, infraestrutura hoteleira, transporte e gastronomia, refletindo a organização da cidade para recebê-los, evidenciada ao longo da leitura da obra.

Em Veneza, a hospitalidade para os turistas é evidenciada através da oferta de serviços turísticos, infraestrutura hoteleira, transporte diversificado e gastronomia local, mostrando a dedicação da cidade em satisfazer as necessidades dos visitantes. A mobilidade é valorizada, com uma variedade de opções de transporte, incluindo *vaporetto*, balsas, gôndolas e lanchas, alguns de gestão privada e outros pública. No que concerne à acessibilidade, além de considerar a oferta de transporte, é preciso levar em conta que os habitantes e turistas, independentemente de suas condições financeiras, podem percorrer praças, andar pelas ruelas e observar a arquitetura da cidade, que se abre para aqueles que se dispuserem a contemplá-la.

Passou duas horas no quarto. De tardezinha, foi a Veneza, atravessando com o *vaporetto* a laguna que exalava um cheiro de podridão. Desembarcou em San Marco. Tomou o chá na praça. A seguir, de acordo com seu plano preestabelecido, iniciou um passeio pelas ruas. Mas foi justamente essa caminhada o que provocou uma reviravolta completa da sua disposição de alma e de suas decisões. Um mormaço nojento pairava por cima das vielas. O ar estava tão pesado que os odores que se desprendiam das habitações, das lojas e dos restaurantes, vapores de óleo, nuvens de perfume e muitos outros ainda, formavam uma bruma que não se dispersava (MANN, 2015, p. 43).

Cabe ainda uma referência especial às gôndolas, que são mais do que um meio de locomoção (são parte do vértice de serviços, das mãos do CCA), mas igualmente expressam a própria cultura e história da cidade – constituindo um símbolo da identidade local e um elemento importante da paisagem urbana (voltando-se, portanto, também para o vértice cultura, o coração do próprio Corpo). Trata-se de um atrativo turístico em si, merecendo, portanto, uma descrição, carregada de impressões pessoais da personagem:

Quem não terá de vencer um arrepió fugaz, um medo secreto, um quê de angústia, quando embarcar pela primeira vez ou depois de longos anos de desábito numa gôndola veneziana? Esses curiosos meios de transporte, que não sofreram nenhuma modificação desde que nos foram legados por uma era romanesca, esses barcos tão caracteristicamente negros como são, entre todos os objetos do mundo, apenas os caixões – eles provocam em nós a associação a aventuras clandestinas e perversas nas águas noturnas, e ainda mais à própria morte, a féretros, a sombrios enterros... (MANN, 2015, p. 29).

Neste trecho, a personagem descreve o medo e a angústia associados à primeira vez (ou após um longo tempo) em uma gôndola, vinculando essa experiência a imagens sombrias e morte, reflexo de sua inquietação existencial. O narrador também revela como a atmosfera em Veneza, incluindo a ameaça da Cólera que a cidade tenta ocultar dos turistas, é construída através das percepções de *Gustav*.

Em se considerando ainda o vértice “serviços”, destaca-se o quanto os hotéis estão preparados para receber seus hóspedes (a exemplo da existência de um treinamento prévio para receber o hóspede/turista), já que há muitos traços de uma hospitalidade encenada, em que um sistema de cortesia funciona de forma clara, com os papéis de anfitrião e hóspede previamente definidos. Por força de contrato, são estabelecidos os comportamentos que se espera de cada um:

Entre manifestações de solicitude do pessoal, atravessou o saguão e desceu pelo vasto terraço rumo ao trapiche, de onde se encaminhou à **praia reservada para os hóspedes do hotel**. Fez com que o velhote descalço de blusa de marujo, calças de linho e chapéu de palha, que ali exercia as funções de almoxarife, lhe indicasse a barraca alugada a ele. **Em seguida deu ordens para que levassem para fora a mesa e cadeira de lona e as colocassem na plataforma de tábuas arentas**. Refestelou-se na espreguiçadeira que ele mesmo puxara até a beira-mar através da areia cor de cera (MANN, 2015, p. 38, grifo nosso).

Esse excerto é exemplificativo da dinâmica dessa hospitalidade comercial/encenada. Entre “manifestações de solicitude”, o hóspede se movimenta pelo hotel e segue até a praia reservada. Espera, portanto, ser atendido nas suas demandas, embora possa, inclusive, abrir concessões: “[...] considere que o turista puxou a espreguiçadeira até a beira-mar (e não se sentiu mal por fazer isso)” (MANN, 2015, p. 38). Outro extrato que igualmente marca essa relação do que cada um dos agentes espera na relação comercial é o transcrito a seguir:

*Aschenbach* saudava o mar com os olhos, e o fato de saber que Veneza ficava facilmente acessível alegrava-o sobremodo. Finalmente, ele se voltou, lavou o rosto, deu algumas ordens à arrumadeira para completar o seu conforto e deixou-se conduzir ao andar pelo suíço que cuidava do elevador (MANN, 2015, p. 33).

Além dos hotéis, a obra enfatiza a relevância de diversos outros serviços em Veneza, como restaurantes, bares, cafés, comércio local, barbearias, casas de câmbio e eventos culturais, todos essenciais para a experiência turística e contribuindo para a atmosfera acolhedora da cidade. Esses serviços desempenham um papel significativo na hospitalidade e satisfação dos visitantes.

No que se refere aos serviços em Veneza, a cidade engloba uma ampla rede de atividades comerciais, abrangendo aspectos econômicos, de saúde e segurança. De acordo com as autoras Perazzolo, Pereira e Santos (2014), as mãos do Corpo Coletivo Acolhedor (CCA) de Veneza desempenham um papel fundamental na facilitação dessas transações diretas e nas práticas de dar e receber. A gestão é mencionada tanto na esfera privada, especialmente na hotelaria, quanto na municipal, destacando-se o serviço de saúde, que coloca cartazes alertando sobre os riscos de consumo de ostras e mariscos devido a problemas gastrointestinais. Esses elementos contribuem para a hospitalidade e segurança dos visitantes. “Nas esquinas, havia cartazes afixados, advertindo paternalmente a população da cidade que, devido a certas moléstias do sistema gástrico, perfeitamente normais a essa época do ano, se abstinésse do consumo de ostras, mariscos e também da água dos canais. Era evidente o caráter paliativo do edital” (MANN, 2015, p. 62).

A gestão municipal de Veneza é eficiente na gestão de transporte e limpeza, mas esconde uma endemia dos turistas, levantando questões sobre sua hospitalidade. A ocultação da doença pode ser vista como uma proteção ao turismo, mas também como falta de transparência e responsabilidade com a saúde dos visitantes, contrastando com os esforços para alertar os moradores através de cartazes em áreas não turísticas.

Nas esquinas, havia cartazes afixados, advertindo paternalmente a população da cidade que, devido a certas moléstias do sistema gástrico, perfeitamente normais a essa época do ano, se abstinésse do consumo de ostras, mariscos e também da água dos canais. Era evidente o caráter paliativo do edital (MANN, 2015, p. 62).

Se a cultura diz respeito ao cérebro do Corpo Coletivo Acolhedor, ao núcleo pensante da comunidade, há de se reconhecer em Veneza um conjunto de crenças e valores típicos de uma sociedade acostumada a receber visitantes.

A comunidade, ou a representação mental de um corpo social, se constituiria, portanto, na totalidade caracterizada por um espaço habitado, compartilhado e construído pelo pensamento. Derivada da experiência, a representação do corpo social, a ideia evocada de cada comunidade, estrutura-se na relação com o outro, é vivida como real, e pode coincidir ou não com a circunscrição territorial, geográfica, política. O território ocupado pelo corpo é um território imaginado, em grande parte compartilhado pelos membros que o habitam (SANTOS; PERAZZOLO, 2012, p. 10).

Veneza é um espaço compartilhado por cidadãos e turistas, onde circulam valores e conhecimentos diversos, formais e informais, moldando sua cultura. Nesse contexto cultural, conforme destacado por Santos e Perazzolo (2012),

residem não apenas concepções morais, crenças e desejos, mas também medos e fantasmas relacionados à destruição e aniquilamento, influenciando diferentes formas de organização social. Essa dimensão cultural permeia toda a obra *A morte em Veneza*, à medida que o protagonista, *Gustav von Aschenbach*, explora a cidade e o leitor descobre a organização local, ao mesmo tempo em que Veneza acolhe os turistas enquanto esconde sua condição de endemia.

Uma pracinha vazia, como que encantada, descortinava-se a seus olhos. *Aschenbach* reconheceu-a. Era a mesma na qual, semana antes, forjara aquele frustrado plano de fuga. Deixou-se cair nos degraus da cisterna, no meio do recinto. Encostou a testa nas pedras da rotunda. Ali, tudo era sossegado. Entre lajes crescia capim. **Lixo estava espalhado em toda parte.** Entre as casas vetustas de altura irregular que o cercavam, uma tinha o aspecto de um palácio, com janelas ogivais, atrás das quais **morava a solidão**, e com balcões adornados de pequenos leões. No andar térreo de outra, achava-se uma farmácia. Rajadas de vento quente que traziam de vez em quando **o cheiro de ácido fênico** (MANN, 2015, p. 80, grifo nosso).

A cidade, considerada como Corpo Coletivo Acolhedor, revela-se em suas diferentes contradições: ao mesmo tempo que parece acolher o visitante, repele-o. Nada mais parece como outrora, posto que *Aschenbach* já estivera em Veneza. Contudo, esse desvelamento da cidade ocorre aos poucos – a narrativa vai ampliando a carga informacional para a personagem perceber que Veneza não está mais tão acolhedora.

## Resultados

A análise da relação entre o turista e Veneza como um Corpo Coletivo Acolhedor revela conexões com os vértices de cultura, gestão e serviços. Veneza representa esse CCA, oferecendo serviços hoteleiros, de transporte, restaurantes e comércio ativo, incluindo também serviços autônomos como barbearias e casas de câmbio. A gestão pública é mencionada no contexto da endemia, cuidando dos moradores locais e administrando os lugares da cidade. Porém, no somatório, para além da gestão pública (que aparece melhor marcada textualmente no combate da Cólera) a gestão dos próprios serviços pode ser identificada, concorrendo para o acolher na cidade de Veneza – que parece se movimentar em função do turista. O capital cultural aponta tanto para as belezas da cidade – e as sensações que acompanham os turistas – como também para o modo de ser dos venezianos. Assim, compreender algumas das dinâmicas narradas/representadas na obra, a partir da análise dos vértices desse Corpo, abre um campo de possibilidades analítico-interpretativas.

Na narrativa, as dinâmicas de acolhimento em Veneza oscilam entre momentos de generosidade e de ameaça. A cidade é vista como fascinante e acolhedora, atraindo o protagonista, mas também como um lugar inóspito devido à cólera e à falta de acolhimento dos habitantes, que escondem a doença dos turistas por medo de perderem seu sustento. A obra destaca a complexidade das dinâmicas de acolhimento em contextos de crise.

### Considerações finais

A cidade de Veneza transcende seu papel como mero cenário, tornando-se um reflexo das inquietações mais profundas de Gustav, o protagonista. Veneza não é apenas um espaço físico com encantos arquitetônicos, mas também um espelho simbólico dos dilemas e anseios interiores de Gustav. Sua jornada na cidade é uma exploração de sua psique e identidade, utilizando-a como um espelho para confrontar suas contradições e questionamentos. Sob a perspectiva do Corpo Coletivo Acolhedor, as conexões entre a paisagem urbana e as emoções de Gustav se destacam, transformando Veneza em um cenário de autodescoberta, onde as dinâmicas de acolhimento se entrelaçam com a cultura, revelando a ligação profunda entre o indivíduo e o coletivo.

Dessa forma, a obra literária revela-se como uma lente valiosa para explorar as camadas mais profundas da hospitalidade, abrindo espaço para diálogos contínuos e ampliando a compreensão dos temas abordados. Ainda, oferece possibilidades de um olhar mais apurado sobre a realidade. Nesse sentido, a obra de Mann apresenta elementos que nos permitem refletir sobre as relações estabelecidas entre o turista e a cidade que ele visita, aproximando-as dos construtos teóricos sobre hospitalidade e propiciando que se (re)veja a relação estabelecida entre os sujeitos primariamente acolhidos e primariamente acolhedores. Nessa perspectiva, a conexão entre literatura e estudos de hospitalidade pode proporcionar uma visão mais ampla e crítica sobre o tema, contribuindo para o desenvolvimento de práticas e estratégias mais efetivas e sustentáveis no setor turístico.

O conceito de Corpo Coletivo Acolhedor enriquece a compreensão das interações entre visitantes e cidades, ampliando a visão da hospitalidade em espaços coletivos. Ele demonstra que o acolhimento não se restringe a interações isoladas, mas é parte essencial de uma rede social maior, onde ações individuais e coletivas se entrelaçam para criar um ambiente acolhedor. Sob essa perspectiva, a cidade não é apenas um cenário, mas também um participante ativo nas trocas de acolhimento, transcendendo as fronteiras individuais e urbanas em um diálogo contínuo e interdependente.

Obras literárias, como a apresentada neste artigo, permitem o convite para analisar as sociedades, explorando, a intrincada rede relacional e, ao fazê-lo, elas nos inspiram a buscar práticas mais conscientes e empáticas no setor turístico, reconhecendo a importância de criar espaços autênticos de acolhimento e enriquecimento mútuo.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 278-326.

CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. Mimese: sobre processos de conhecimento, representação artística e formação na história da educação. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 35, n. 73, p. 15-31, jan./fev. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/srHtDcRYvvQQ7b-TxggtJz5G/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2023.

COSTA, Leandro Sousa.; CAMARGO, Leonardo Nunes. **Filosofia hermenêutica**. Curitiba: InterSaberes. 2017.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: a fonte fecunda. *In*: PINSKY, Carla. Bassanezi.; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 61-92.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MANN, Thomas. **A morte em Veneza**. São Paulo: abril, 1971.

OLIVEIRA, Amanda Lais Jacobsen. O belo, o castigo e a doença: *A Morte em Veneza*. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, Jataí, v. 11, n. 1, p. 426-442, jan./jul. 2019. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/510.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2022.

ROCHA, Denise. A epidemia do cólera em *A Morte em Veneza* de Thomas Mann. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v. 36, p. 135-139, dez, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/16774/12336>. Acesso em: 16 out. 2023.

RODRIGUEZ, Cecília. **Chega de turistas**: destinos da Europa impõem proibições, multas e impostos. 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2023/08/chega-de-turistas-overtourism-na-europa>. Acesso em: 13 set 2023.

SANTOS, Márcia Maria Capellano dos; PERAZZOLO, Olga Araújo; PEREIRA, Siloe. Dimensión Relacional de la Acogida. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, Buenos Aires, v. 22, n. 1, p. 138-153, 2014.

SANTOS, Márcia Maria Capellano dos; PERAZZOLO, Olga Araújo. Hospitalidade numa perspectiva coletiva: o Corpo Coletivo Acolhedor. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 3-15, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/484/503>. Acesso em: 16 ago. 2023.

SALVÁ, Camila; DIEDRICH, Andressa. *A morte em Veneza e seu tratado sobre o fazer artístico*. **Instituto Ling**, 03 ago. 2020. Disponível em: <https://institutoling.org.br/explore/a-morte-em-veneza-e-seu-tratado-sobre-o-fazer-artistico>. Acesso em: 17 dez. 2022.

Turismo na Itália. **DadosMundiais.com**. 2021. Disponível em: <https://www.dadosmundiais.com/europa/italia/turismo.php>. Acesso em: 13, set 2023.smo na Itália

UOL. Unesco recomenda incluir Veneza em lista de patrimônios em risco. **Uol**. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2023/07/31/unesco-recomenda-incluir-veneza-em-lista-de-patrimonios-em-risco.htm>. Acesso em: 13, set 2023.